

## **Os gêneros orais no livro didático de Língua Portuguesa: uma análise das propostas para os anos finais do ensino fundamental**

---

**Marina de Fátima Ferreira Nascimento**

*Formada em Letras, Mestra e Doutoranda em Educação pela Universidade São Francisco.*

**Milena Moretto**

*Formada em Letras, Mestra e Doutora em Educação pela Universidade São Francisco. Professora do Programa Stricto Sensu em Educação da mesma universidade.*

DOI: 10.47573/aya.5379.2.96.1

## RESUMO

O presente capítulo tem como objetivo compreender de que forma o livro didático propõe o trabalho com os gêneros orais e se as propostas apresentadas nele possibilitam a apropriação desses gêneros pelo aluno, uma vez que o oral, proposto pelas diretrizes educacionais como um dos eixos fundamentais para o ensino de língua materna, permanece, ainda, secundarizado e distante de atingir o status de objeto de ensino. Pautamo-nos, para isso, na perspectiva enunciativo-discursiva e elegemos como metodologia para a análise do corpus, a análise dialógica do discurso. O corpus selecionado é a coleção didática “Se Liga na Língua, 2018”, adotada no PNLD 2019. Os resultados preliminares evidenciaram a escassez de gêneros orais sugeridos no material didático e sinalizam para a necessidade da busca de recursos adicionais de aprendizagem e da formação docente adequada a fim de que a dimensão oral, determinante para a formação subjetiva, comunicacional e social do aluno, se faça mais presente no cotidiano escolar.

**Palavras-chave:** gêneros orais. livro didático. formação docente.

## ABSTRACT

The present chapter aims to understand how the textbook proposes the work with oral genres and if the proposals presented in it enable the appropriation of these genres by the student, since the oral, proposed by the educational guidelines as one of the fundamental axes for the teaching of mother tongue, remains, still, secondary and far from reaching the status of teaching object. To do so, we adopt the enunciative-discursive perspective and elect dialogic discourse analysis as the methodology to analyze the corpus. The selected corpus is the didactic collection “Se Liga na Língua, 2018”, adopted in the PNLD 2019. Preliminary results evidenced the scarcity of oral genres suggested in the didactic material and signalize the need to search for additional learning resources and adequate teacher training in order that the oral dimension, determinant for the subjective, communicational and social formation of the student, becomes more present in everyday school life.

**Keywords:** oral genres. textbook. teacher training.

## INTRODUÇÃO

A linguagem desempenha um papel essencial não somente ao ensino da Língua Portuguesa, mas à constituição e ao desenvolvimento humano. Em suas múltiplas expressões (escrita, oral, gráfica, digital) ela permeia as atividades e a ação humana desde os usos interligados à vida diária aos eventos comunicativos mais elaborados.

Sob esse aspecto, também o espaço escolar se estabelece como uma, entre as múltiplas esferas, constituídas nas relações sociais mediadas pelo uso da linguagem. Frente a isso, pensar em práticas educacionais promotoras do desenvolvimento humano requer, entre outros fatores, a consideração das possibilidades de “materialização” dessas práticas, no ambiente escolar.

Entre essas possibilidades de materialização, a perspectiva de ensino a partir da adoção

de gêneros textuais tornou-se uma das mais difundidas desde a sua sugestão nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) a sua manutenção na diretriz curricular vigente Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018). Para subsidiar o processo de ensino e aprendizagem em sala de aula, o livro didático, sobretudo nas instituições de caráter público, constitui-se como um dos instrumentos referenciador e em, não raros casos, o único suporte disponível.

Nesse contexto, o presente capítulo pretende discutir de que forma o livro didático propõe o trabalho com os gêneros orais e se as propostas apresentadas nele possibilitam a apropriação desses gêneros pelo aluno. Para tanto, nas seções seguintes apresentaremos a perspectiva teórica sob a qual se fundamenta este texto, o contexto e o percurso constituído para a análise, a verificação dos dados e a exposição de seus resultados, encerrando com nossas considerações finais.

## DIÁLOGO E INTERATIVIDADE: OS GÊNEROS DO DISCURSO

Assumimos, para nossa investigação, a perspectiva enunciativo-discursiva. Bakhtin e seu círculo de colaboradores concebem o enunciado como a unidade primária do discurso e de suas modalidades. Nessa perspectiva, o discurso é compreendido como uma expressão dos distintos enunciados produzidos a partir dos eventos comunicacionais cotidianos, os quais são acordados pelos falantes no processo dialógico de interação. Nesse sentido, conforme explicita o filósofo “Todo enunciado é por natureza uma réplica do diálogo (comunicação e luta) tão social quanto a língua e igualmente determinados pela comunicação” (BAKHTIN, 2016, p.117).

Sob esse panorama, o processo comunicativo de caráter dialógico, coletivo e social circunscreve-se sob um contexto mais amplo definido, por Bakhtin, como campos da atividade humana. Para o autor, os âmbitos da atuação humana estão indissociavelmente interligados a linguagem fator que, conseqüentemente, atribui-lhe formas e usos tão multiformes quanto às ações de seus actantes.

Perante isso, os enunciados produzidos nestas distintas esferas de atuação refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo. Segundo sugere, esta constituição social da língua determina-se não apenas pelo conteúdo temático e estilo linguístico dos enunciados, mas, sobretudo, por sua construção composicional. Sendo assim, não obstante a individualidade de cada enunciado torna-se factível a similaridade de sua caracterização uma vez que, “cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso” (BAKHTIN, 2016, p.12).

Nas acepções bakhtinianas, os gêneros do discurso caracterizam-se por sua riqueza e diversidade, peculiarmente infinitas porque tão inesgotáveis quanto às possibilidades da multifacetada atividade humana.

Desta forma, atuar nas diferentes esferas da interação humana requer o domínio de gêneros usuais, denominados por Bakhtin (2016), de gêneros primários em razão de sua baixa complexidade. De modo similar, a integração aos distintos espaços comunicacionais requer o domínio de gêneros discursivos identificados por secundários e que recebem tal titulação por, normalmente, se interligarem a situações comunicativas mais elaboradas e complexas.

Sob outro ângulo e aspectos, o caráter essencialmente dinâmico, interacional e respon-

sivo atribuído pelo círculo de Bakhtin à língua e a sua constituição comunicacional referenciaram, também, distintos âmbitos da ciência da linguagem, incluindo as direcionadas ao campo didático com prospecção para o ensino e a aprendizagem em contexto escolar.

Nesse âmbito, os pesquisadores em didática e ensino de língua materna francesa, Schneuwly e Dolz (2010), defendem a tese de que o ensino sobre a produção e a compreensão da linguagem se faz, obrigatoriamente, sobre os gêneros quer se queira ou não.

Na percepção dos autores, os gêneros constituem o instrumento indispensável de mediação de toda estratégia de ensino e o material inesgotável para o ensino da textualidade. Em função desse posicionamento, os pesquisadores são, por vezes, referenciados em algumas coleções didáticas, como por exemplo, Português Linguagens (CEREJA, 2018), fator que os aproxima de nossas discussões e objetos de análise.

Do mesmo modo, as discussões que circundam o conceito de gênero oral também encontram ancoramento teórico nos estudos desenvolvidos pelos pesquisadores. Para Schneuwly e Dolz (2010), embora a linguagem oral esteja bastante presente nas salas de aula através da rotina cotidiana, da leitura de instruções, da correção de exercícios, o ensino escolar da língua oral e de seu uso ocupa um lugar limitado no contexto do ensino e da aprendizagem, ocorrendo de forma incidental e não planejada distintamente do que acontece, por exemplo, com a escrita e a literatura, as quais são elevadas ao status de objeto de ensino e, em razão disso, potencialmente referenciadas nos documentos oficiais e sistematizadas no planejamento dos professores.

Diante disso, supomos que o ensino do oral tem ocorrido no âmbito formal, ou seja, priorizado as práticas de oralização de textos escritos, sem apropriar-se da essencialidade e da variabilidade de gêneros textuais orais tornando-se, portanto, pertinente a projeção desse estudo.

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E CONTEXTO DE ANÁLISE

O corpus selecionado para a análise dos dados é composto pela coleção “Se liga Na Língua, Leitura, Produção De Texto E Linguagem”, obra que integrou um dos seis acervos selecionados pela comissão técnica do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD, 2019) e foi adotada por uma Rede Municipal de Ensino de uma cidade no interior de São Paulo.

O processo de escolha da obra efetuou-se a partir de encontros interinos ocorridos nas unidades escolares e em dois encontros presenciais gerais, dos quais participaram distintos agentes educacionais (Secretário da Educação Municipal, Secretaria Adjunta, Supervisores de Ensino, Professores responsáveis pela formação continuada docente, Professores atuantes em sala de aula na disciplina de Língua Portuguesa). Os direcionamentos para a escolha pautaram-se nas orientações disponibilizadas pelo MEC, no currículo municipal recentemente reformulado de acordo com a BNCC (2018) e, especialmente, no GUIA PNLD (2019), espécie de catálogo que expõe além da ficha técnica obras aprovadas para a escolha, critérios para a sua seleção, como por exemplo, adequação aos eixos (leitura, produção de texto, oralidade e análise linguística/semiótica) que fundamentam o ensino de Língua Portuguesa.

A coleção em análise fundamenta-se, de acordo com seus autores Ormundo e Siniscalchi (2018) sob uma perspectiva sociointeracionista e uma metodologia construtivo-reflexiva. Para tanto, a coleção compõe-se de quatro volumes destinados aos quatro anos finais do Ensino

Fundamental (6º ao 9º ano) Cada um desses volumes organiza-se em torno de oito capítulos com foco em um gênero principal e a menção de demais subgêneros pertencentes a campos de atuação relacionáveis ao do gênero principal ou que dele se aproximem via analogia estrutural, temática ou intertextual. Vejamos, na sequência, um exemplo da composição do capítulo e de suas subseções:

**Figura 1 - Sumário do capítulo 2. Se Liga na Língua - 7.º ano**

CAPÍTULO 2 – ENTREVISTA: UM BATE-PAPO ORGANIZADO				
Leitura 1	Leitura 2	Se eu quiser aprender mais	Nossa entrevista na prática	Textos em conversa
<p>"Serginho (Groisman) entrevista vítima de <i>bullying</i>" (Manoela Sales) p. 54</p> <p>Desvendando o texto p. 56</p> <p>Como funciona uma entrevista? p. 57</p>	<p>"Entrevista com Pedro Braggio" p. 58</p> <p>Refletindo sobre o texto p. 60</p>	<p>Perguntas bem formuladas p. 62</p>	<p>Momento de produzir p. 64</p> <p>Momento de avaliar p. 65</p> <p>Momento de apresentar p. 65</p>	<p>Entrevista de vítima de <i>bullying</i> e poema "Vozes-mulheres", de Conceição Evaristo p. 66</p>
Transformando a entrevista em <i>post</i>	Mais da língua	Isso eu já vi	Entre saberes	
<p>Produção de <i>post</i> p. 67</p>	<p>Pronome pessoal p. 68</p> <p>Pronome pessoal reto e oblíquo p. 69</p> <p>Pronome de tratamento p. 71</p>	<p>O uso de <i>x</i> e <i>ch</i> p. 77</p>	<p>Leitura da lei nº 13.185, de 2015, discussão em grupo e análise de artigos da lei, elaboração de esquema p. 79</p>	

**FONTE: Ormundo e Siniscalchi (2018, p. 9).**

A partir desse contexto e da suposição de que os gêneros orais são insuficientemente sistematizados no ensino e as diretrizes federais, assim como, os materiais didáticos elaborados a partir destas proposições, contribuem para uma possível escassez das práticas orais, suscitaram as seguintes questões.

1. Como o material didático, construído a partir do novo documento curricular, propõe o trabalho com gêneros orais?
2. A nova configuração traz atividades que favoreçam a apropriação, pelo aluno, dos elementos constitutivos do gênero (conteúdo temático, estilo, construção composicional)?

Para responder a estas questões, fundamentamo-nos na perspectiva Bakhtiniana (2016) de linguagem e nos propomos a efetuar uma análise dialógica do discurso.

De acordo com Brait (2006), Bakhtin e os colaboradores de seu convívio não propuseram uma teoria analítica conclusiva, com características de método e aplicável à análise instrumental. Entretanto, os estudos desenvolvidos por Bakhtin e outros membros do que, atualmente, denomina-se Círculo de Bakhtin corroboraram para o nascimento de uma análise/teoria dialógica do discurso proposta, posteriormente, por estudiosos do círculo bakhtiniano, a partir do conjunto contextual da obra destes filósofos da linguagem e que se fundamenta no seguinte princípio: "não aplicar conceitos a fim de compreender um discurso, mas deixar que os discursos revelem sua forma de produzir sentido" (BRAIT, 2006, p.24).

Nesse âmbito, Brait (2006) sugere que a indissolubilidade das relações existentes entre língua, linguagem, história e sujeito viabiliza a proposição de uma análise dialógica do discurso direcionada à percepção da construção/produção de sentidos essencialmente apoiadas nas relações discursivas empreendidas por sujeitos historicamente situados.

## OS GÊNEROS ORAIS NA COLEÇÃO DIDÁTICA: ANÁLISE E EXPOSIÇÃO DOS RESULTADOS

Iniciando o processo de análise, expomos um quadro ilustrativo elaborado com a finalidade de dimensionar os gêneros priorizados por capítulo nos quatros volumes do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano):

**Quadro 1 - Gêneros predominantes em cada volume da coleção**

Se Liga na Língua – Leitura, Produção de Texto e Linguagem 6.º ANO	Gênero Predominante Por Capítulo							
	Capítulo 1	Capítulo 2	Capítulo 3	Capítulo 4	Capítulo 5	Capítulo 6	Capítulo 7	Capítulo 8
	Diário	Verbetes	História em Quadrinhos	Relato de experiência	Poema	Anúncio e outros gêneros publicitários	Comentário de leitor	Conto
Se Liga na Língua – Leitura, Produção de Texto e Linguagem 7.º ANO	Gênero Predominante Por Capítulo							
	Capítulo 1	Capítulo 2	Capítulo 3	Capítulo 4	Capítulo 5	Capítulo 6	Capítulo 7	Capítulo 8
	Notícia	Entrevista	Conto Fantástico	Poema Narrativo	Texto Teatral	Palestra e Seminário	Resenha Crítica	Relato de Viagem
Se Liga na Língua – Leitura, Produção de Texto e Linguagem 8.º ANO	Gênero Predominante Por Capítulo							
	Capítulo 1	Capítulo 2	Capítulo 3	Capítulo 4	Capítulo 5	Capítulo 6	Capítulo 7	Capítulo 8
	Reportagem	Rap	Regulamento e Estatuto	Debate Regrado	Roteiro de cinema	Artigo de opinião	Crônica	Miniconto
Se Liga na Língua – Leitura, Produção de Texto e Linguagem 9.º ANO	Gênero Predominante Por Capítulo							
	Capítulo 1	Capítulo 2	Capítulo 3	Capítulo 4	Capítulo 5	Capítulo 6	Capítulo 7	Capítulo 8
	Poema protesto	Carta aberta	Romance	Biografia	Charge	Conto psicológico	Conto e Romance de ficção científica	Artigo de divulgação científica

**FONTE: Ormundo e Siniscalchi (2018, p. 9).**

Mediante essa ilustração é possível constatar a comprovação prévia de uma das hipóteses balizadoras desse estudo: o espaço insuficiente cedido ao ensino e a aprendizagem dos gêneros discursivos/textuais<sup>1</sup> orais. Entre os oito capítulos destinados ao 6.º ano do Ensino

<sup>1</sup> Utilizamos a expressão gêneros discursivos/textuais porque, para nós, os aspectos textuais de quaisquer gêneros estão a serviço da enunciação e do discurso.

Fundamental não há a indicação de nenhum gênero titular pertencente à esfera do oral. As escolhas efetuadas para esse ciclo de aprendizagem priorizam a formalidade da escrita mediatizada pela proposição de gêneros clássicos e, possivelmente, apreciados pela faixa etária de seus destinatários como são as histórias em quadrinhos e os contos. Nessa perspectiva de propor-se exemplares de escrita é sugerido um capítulo sequenciado por poemas, os quais, no contexto histórico das práticas do ensino da Língua Portuguesa, sobretudo quando estas eram guiadas por concepções gramaticais de aprendizagem, os poemas eram propostos como moldes da escrita dita correta, culta e adequada. Atualmente, pelo viés integrador entre os campos da linguagem sugeridos pela Base Comum Curricular, o poema transita entre as esferas da expressão escrita e artística-literária contribuindo, desse modo, para o aprofundamento de suas dimensões culturais e paralinguísticas.

A verificação dos gêneros discursivos/textuais sugeridos no escopo de cada capítulo destinado ao ensino-aprendizagem do 7.º ano indicam também que a prevalência das práticas escritas sobre as orais será mantida. Entre os oito capítulos propostos para estudo, apenas o capítulo seis prioriza gêneros pertencentes à esfera oral, combinando a palestra e o seminário em uma mesma sequência de atividades. Dessa forma, são apresentadas transcrições escritas dessas produções orais, conforme anunciado pelos autores no manual do professor (ORMUNDO; SINISCALCHI, 2018, p. XXV), bem como propostas de retextualização que culminam na adaptação de um seminário e em sua posterior transição, transformando os tópicos de um slide em uma sequência fotográfica sem uso de recurso verbal (ORMUNDO; SINISCALCHI, 2018, p.198).

Em relação aos demais capítulos que compõem o exemplar destinado ao 7.º ano do Ensino Fundamental verifica-se a sugestão dos gêneros conto fantástico e poema narrativo, fator que possivelmente alinha-se à perspectiva de um ensino em espiral (retomada de conhecimentos prévios, aprendizagem e aprofundamento de novos), anunciada pelos autores na exposição do manual em “U” (ORMUNDO; SINISCALCHI, 2018, p. XV).

Ademais, os capítulos restantes integram -se ao campo jornalístico-midiático sugerindo três gêneros pertencentes a essa esfera: a notícia, a entrevista e a resenha crítica.

Em um plano geral, pode-se inferir que embora, nesse volume, haja a ocorrência de um capítulo destinado ao estudo de gêneros discursivos/textuais orais, os sete capítulos restantes concentram seus objetos de ensino sobre os alicerces da cultura escrita evidenciando, uma vez mais, a escassez de conteúdos que promovam o ensino do oral, bem como o quanto ainda torna-se premente as discussões sobre o seu ensino.

Ao analisarmos os capítulos do volume destinado ao 8.º ano do ensino fundamental, verificamos que entre os oito gêneros indicados para estudo, apenas um pertence à esfera do oral. Valorizado recurso dos contextos jornalístico-midiático, o debate regrado está, tradicionalmente, presente no ensino escolar e em seus materiais de suporte pedagógico- didático pelo menos desde a promulgação dos PCNs (1998) e da produção de coleções alinhadas à sua perspectiva (PORTUGUÊS LINGUAGENS, 2002; CONVERGÊNCIAS PORTUGUÊS, 2014) sendo mantido na atualidade, possivelmente em razão de sua valoração social e de sua centralidade em distintos suportes como programas televisivos, via web e áudio (rádio e podcast).

Próximo ao contexto da oralidade, há a indicação do Rap, gênero musical que transita entre os campos artístico-literário e jornalístico-midiático, em razão do caráter de denúncia-pro-

testo, os quais a quase totalidade de suas letras promove. Embora, o escopo final desse gênero culmine com a narrativa ou o canto, seu planejamento e composição partem essencialmente da escrita e da estruturação do texto sendo, por essas condições, caracterizado como um gênero fronteiro, cuja expressão de oralidade passa, essencialmente, pelos caminhos da escrita.

Em relação aos demais gêneros sugestionados observa-se que dois deles corroboram para a ampliação do campo jornalístico-midiático com a inclusão da Reportagem e do artigo de opinião nos primeiro e sexto capítulo respectivamente, propondo-se também um capítulo destinado ao estudo de leis, regulamentos e estatutos, o qual contextualiza os aspectos sociais, formais e estruturais desses gêneros.

Por fim, os três capítulos restantes priorizam a tradição literária ao mesmo tempo em que a atualizam alinhando-se às perspectivas da Base Comum Nacional (2018) que inclui tanto gêneros contemporâneos quanto os que dialogam com outras expressões da linguagem. Nessa perspectiva, são propostos o roteiro de cinema (capítulo 5), a crônica (capítulo 7) e o miniconto (capítulo 8).

O volume que sela o último ano do fundamental (9.º ano) traz em sua capitulação gêneros essencialmente escritos conferindo primazia aos campos jornalístico e artístico-literário. Sendo assim, o volume traz em seu capítulo inaugural o poema protesto, gênero que transita entre os campos privilegiados no volume, o qual é, por sua vez, na coleção, correlacionado aos gêneros carta-aberta (capítulo 2) e charge (capítulo 5). Embora, esses últimos integrem essencialmente o âmbito jornalístico são aproximados do poema-protesto em razão de seu conteúdo temático e da ironia crítico-reflexiva presente em ambos.

Já os demais capítulos alinham-se à perspectiva literária sugestionando o romance, a biografia (que embora também transite na esfera jornalística apresenta, na coleção, predominância de caracterização literária), o conto psicológico, o conto e o romance de ficção científica, finalizando com um retorno ao campo jornalístico na proposição do artigo de divulgação científica.

Sob um plano geral, o olhar panorâmico sobre os quatro volumes da coleção evidenciou como, uma das hipóteses sugestionadas ao longo desse estudo; a de que não obstante as distintas reformulações operadas no ensino de Língua Portuguesa, o espaço cedido ao ensino do oral ainda é escasso e insuficiente.

Em termos quantitativos, esse dado se comprova ao contabilizarmos que entre os trinta e dois capítulos propostos nos 4 volumes da coleção, apenas 2 possuem como gênero discursivo/textual titular, um exemplar pertencente à esfera oral.

Outro dado relevante é o de que o ciclo de aprendizagem do ensino fundamental é iniciado e encerrado sem a proposição do ensino e da aprendizagem sistematizados de um gênero discursivo/textual oral, ou seja, os volumes destinados ao 6.º e ao 9.º ano do Ensino Fundamental não apresentam em seus dezesseis capítulos a titulação de um gênero discursivo/textual oral para o estudo aprofundado e sistematizado, conforme estratégia balizada no ensino de gêneros defendida e adotada pela coleção, segundo sinalizam seus autores (ORMUNDO; SINISCALCHI, 2018).

Desse modo, infere-se que a organização capitular de cada volume reflete tanto a valorização da escrita operadas nas demandas sociais e, conseqüentemente, repercutidas no antro

escolar, quanto o alinhamento às diretrizes legais educacionais que orientam demasiadamente o ensino da escrita possivelmente direcionadas por concepções que aliam o pleno domínio da oralidade a contextos de pré ingresso escolar.

Por outra via, podemos questionar os interesses sócio-políticos e econômicos que atravessam a produção dos documentos legislativos oficiais, cuja adesão plena é quesito inerente para a validação dos materiais didáticos produzidos por quaisquer autores que pretendam pleitear a inclusão de suas produções no Programa Nacional do Livro Didático idealizado e mantido pelo Governo Federal.

Nesse contexto, ao minimizar-se a inclusão do ensino de gêneros discursivos/textuais orais nas diretrizes que regulamentam o ensino no país, os Órgãos responsáveis contribuem para a redução no domínio da expressão, da comunicação, da palavra, dessa, sobretudo, apontada por distintos intelectuais como instrumento mediador de poder (CORTELLA, 2012; FOUCAULT 2001). Deste modo, a conseqüente escassez do domínio da palavra, da verbalização, do oral minimiza a fala da parcela majoritariamente excluída que apenas “sussurra” por seus direitos perpetuando, por essa via, o sistema difusor de desigualdade social conhecido e sustentado há séculos por meio de um sistema capital e social que se organiza a partir da segregação de classes.

Na sequência, traremos a análise de algumas atividades sugeridas à aprendizagem do gênero palestra:

### Figura 2 - Trecho do texto apresentado no capítulo 6 – 7º ano

para quem não viu, um *trailerzinho*. [ ... ]

25 [ *Trailer* do documentário, seguido por aplausos.]

Eeee... éééé... eu aprendi então bastante... éééé... e senti realmente na pele que o cinema é uma ferramenta incrível deeee... transformação social. Na verdade, o *history telling*, né?, a contação, uma boa história, que emociona, é capaz de mudar o mundo. Eeee... aprendi também que... como a gente

30 mede esse impacto social, né? Porque é muito fácil a gente medir e **aferrir** os lucros de uma empresa, os números, né?, são muito mais fáceis, mas como você mede o impacto deeee... ah uma escola que começa a ensinar empatia pras crianças e consegue diminuir o *bullying* e a violência éééé... éééé... nas relações entre essas crianças? É muito difícil e e e essa e e e o

35 impacto é é deeee... é como uma frase do... que tava na parede do **Einstein** que diz assim: “Nem tudo que conta pode ser contado e nem tudo que pode ser contado conta”. É esse tipo de impacto, que começa como uma bola de neve invisível e começa inspirando a própria equipe que tá rodando o filme, né?, e vai se expandindo, se expandindo, e hoje só através do boca

40 a boca a gente já chegou em praticamente todas as partes do mundo. Esse filme já foi mostrado pros **aborígenes** na Austrália, já foi exibido três vezes em **Harvard**, já foi exibido na **Columbia University**, na **Brown**, na **JEW**,

e Lei 9.010 de 19 de fevereiro de 1996.

Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2018, p.182).

No fragmento, verifica-se a indicação de ações ocorridas em tempo real, no momento da fala e que compõem parte do contexto extralinguístico, interacional e dialógico do gênero ( exibição do trailer seguida de aplausos). Do mesmo modo há a tentativa de reproduzir, com o máximo de fidelidade, as marcas da interação face a face, conforme observa-se em “Eeeee...ééééé....eu aprendi então bastante...éééé e senti realmente na pele que o cinema é uma ferramenta incrível deeeeeee.... transformação social”.

A partir disso, pode-se inferir que a fala da cineasta está carregada de emoção. Ao reportar para o outro sua experiência, adentra em um processo de dialogicidade e interação, ao passo que, simultaneamente, revive, redefine as dimensões e o alcance do sucesso de seu

trabalho. Nesse processo, parece não localizar os vocábulos adequados para a expressão de sua experiência real. E nesse contexto, as repetições “Eeeee...éééé e deeeee... indicam ser o respiro, a pausa necessária para que as encontre.

Por tratar-se de um exemplar didático destinado à escolha do professor no Programa PNLD 2019, o volume apresenta anotações/orientações marginais que poderão nos auxiliar na busca das respostas para nossas questões de investigação.

No caso da leitura 1 em que é proposta a transcrição da palestra de Mara Mourão é sugerido ao docente que, se possível, exiba o vídeo disponível na mídia digital ou opere a leitura, em voz alta, de 50% do texto solicitando aos alunos que observem e registrem informações como autoria, assuntos e objetivos da palestra. Após esse estágio inicial, recomenda-se a comparação entre o acervo digital e o texto, bem como finalize as anotações iniciadas:

**Figura 2 - Trecho do texto apresentado no capítulo 6 – 7º ano**

**Leitura 1** – Apresente o trecho do vídeo da palestra para seus alunos. Ele está disponível na internet. Se não for possível exibi-lo, leia o texto transcrito em voz alta. Em um primeiro momento, os alunos não devem acompanhar com a transcrição; devem apenas ver e/ou ouvir. Peça a eles que anotem o assunto tratado pela palestrante, o ponto de vista dela sobre o tema e seus principais argumentos. Na

Em um segundo momento, peça aos alunos que comparem o que ouviram com a transcrição e que terminem de fazer suas anotações. Nesta etapa, eles podem fazer uso do glossário para compreender melhor algumas das referências contextuais. Por fim, divida-os em equipes para que respondam: “Na opinião de vocês, qual é a principal ideia defendida por Mara Mourão?”.

**Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2018, p.183).**

Na análise dessas orientações, é possível observar tentativas de adaptação do oral às distintas realidades dos variáveis contextos de ensino, considerando-se aqueles que possuem suporte tecnológico adequado e os que dele carecem. Esse movimento adaptativo inicial denuncia a crítica exposta por distintos pesquisadores (FREITAS, 2017; GIROTTO, 2018; VENCO, 2018) acerca do aumento das desigualdades sociais nos processos de ensino e de aprendizagem e expõe a ineficiência de uma base curricular que se propõe, mediante a unificação de conteúdos, garantir a equidade educacional.

No que se refere ao reconhecimento e à aprendizagem do gênero palestra, ao considerar-se os distintos estudos que acenam para a proposição de estratégias direcionadas ao ensino adequado do oral (BUENO, 2009; CRESCITELLI, 2011; DIELEL, 2017) verifica-se que a percepção dos elementos cinésicos e paralinguísticos essenciais à reprodução do gênero são mais facilmente identificáveis através da análise dos recursos audiovisuais que o suportam, permanecendo, consideravelmente, insuficientes, mediante apenas a audição de seus aspectos transcritos, fator que, conseqüentemente, se torna um limitador à aprendizagem efetiva.

Ademais, observa-se que, na tentativa de suprir as carências tecnológicas e materiais, a ação indicada é a leitura em voz alta feita pelo professor, indicação que reitera os dados de inúmeras pesquisas relacionadas ao campo do oral (DIELEL, 2016; CRESCITELLI, 2011), as quais apontam para a prevalência dessa estratégia, indicada nas pesquisas como pouco eficiente, em sala de aula. Outra ação observada é a sugestão da tomada de notas e do registro escrito de

aspectos específicos da palestra (objetivos, tema, assuntos secundários, argumentos empregados pela palestrante), o que nos desvela vários fatores, como o alinhamento da coleção à BNCC (2018).

Nas anotações na margem da coleção, é possível identificar a menção a pré-requisitos (habilidades contempladas em capítulos anteriores, supostamente apropriadas pelos alunos e consideradas essenciais à aprendizagem dos próximos tópicos) e às habilidades supostamente relacionadas aos gêneros e priorizadas neste capítulo, conforme demonstra-se a seguir:

**Figura 3 - Habilidades apresentadas no capítulo 6 – 7º ano**

<b>Capítulo 6</b>	Habilidades: EF67LP06, EF67LP20, EF67LP24, EF69LP55, EF07LP04, EF07LP05
<b>Pré-requisitos</b>	
• EF06LP09	
• EF06LP10	
• EF67LP21	
• EF67LP24	
• EF69LP40	

**Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2018, p.182).**

Em segundo plano, a sugestão da tomada de notas acena para outros dados apontados pelas pesquisas: o atrelamento do oral aos processos de escrita e a sua utilização como um trâmite de passagem para o aperfeiçoamento desta, o que reforça a tese de que o oral permanece como um eixo secundário da aprendizagem.

Na sequência, a estratégia sugerida à finalização desta etapa inicial é a da divisão dos alunos em equipes para a redação de uma pergunta pré-formulada e de sua posterior leitura à classe:

**Quadro 2 - Atividade proposta na coleção – 7º ano**

*Por fim, divida-os em equipes para que respondam: “Na opinião de vocês, qual é a principal ideia defendida por Mara Mourão?”  
Os grupos deverão apresentar sua conclusão e justificá-la.*

**Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2018, p.183).**

Essa ação evidencia a manutenção de estratégias, as quais reforçam a ideia de que a oralização de atividades escritas possibilita a aprendizagem efetiva de gêneros orais, orientação que foi já desmistificada pela conclusão de distintas pesquisas (GOMES-SANTOS, 2009; SCHNEUWLY e DOLZ, 2010).

Cabe ressaltar que, ao sugerir-se a tomada de notas, orienta-se para que, no registro dos alunos, contenha o produtor, os objetivos, o tema, os assuntos secundários e os argumentos empregados pela palestrante, tópicos que, na perspectiva dos gêneros discursivos/textuais, relacionam-se ao contexto de produção e ao seu conteúdo temático, fator que evidencia a tentativa de aproximação entre as atividades propostas na coleção e a concepção enunciativo-discursiva que tanto a Base Curricular (2018) quanto o material didático defendem assumir.

A atividade seguinte pretende aprofundar o funcionamento de uma apresentação pública e, com esse intuito, não se limitará a análise dos gêneros titulares do capítulo, os quais, segundo

as afirmações iniciais dos autores descritas no manual do professor, seriam priorizados: “cada capítulo traz um gênero em foco e atividades de observação de suas características (contexto de circulação, estrutura e elementos linguísticos)” (ORMUNDO; SINISCALCHI, 2018, p. XXV). Ao contrário do que se afirma em relação à priorização dos gêneros selecionados para o capítulo, o convite introdutório à continuidade das atividades enfatiza a proposição de outros.

Assim, a segunda questão propõe ao aluno que estabeleça uma comparação entre os gêneros palestra e conversa informal.

### Figura 3 - Atividade proposta no capítulo 6 – 7º ano

- 2** Pense em uma *palestra* e em uma *conversa informal* (que também é um gênero oral), como a que mantemos no dia a dia com os colegas e a família. Agora, compare os dois gêneros.
- Em qual deles o falante desenvolve sozinho o tema? *Na palestra.*
  - Qual dos dois gêneros admite uma fala descontraída, menos cuidada? *A conversa informal.*
  - Qual pressupõe intimidade entre os interlocutores? *A conversa informal.*
  - Em qual deles é preciso manter o tema, evitando passar para novos assuntos? *Na palestra.*
  - Qual dos dois tem um compromisso maior com a precisão das informações e com a clareza na linguagem utilizada? *A palestra.*

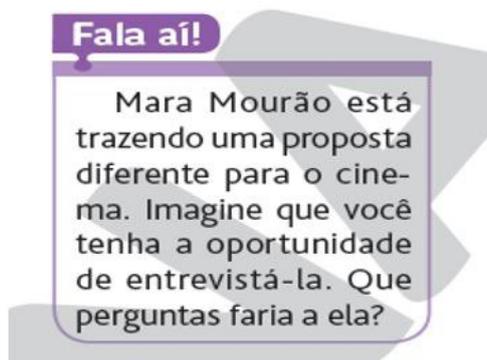


Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2018, p.185).

Note-se que é solicitado ao aluno que ele “pense” em um exemplar de cada gênero sem a oferta de material linguístico palpável (exemplares variados de ambos os gêneros) os quais, possivelmente, possibilitariam uma análise comparativa adequada por parte do estudante. Considerando-se que o livro didático ofertou o exemplo de trechos transcritos de uma única palestra e não mencionou o gênero conversa informal o qual, embora considerado primário e proveniente de experiências pré-escolares e cotidianas do aluno, apresenta variações de acordo com a regionalidade, a adequação linguística, a intencionalidade da comunicação, fatores que podem dificultar, ao estudante, o dimensionamento dessa caracterização apenas a nível “mental”.

Nessa mesma linha comparativa entre gêneros discursivos/textuais orais é proposto no quadro “Fala aí” a produção de uma entrevista:

Figura 4 - Atividade proposta no capítulo 6 – 7º ano



Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2018, p.186).

Nas anotações na margem do material destinadas ao uso do professor há a indicação de que se oriente o aluno a escrever as perguntas e a apresentar aos colegas, cabendo ao professor “destacar aquelas que fazem um bom aproveitamento do conteúdo da palestra” (ORMUNDO; SINISCALCHI, 2018, p. 186).

A partir desse contexto podemos referenciar as observações de Geraldini (2015) a respeito do que ele denomina de atividades de simulacro, ou seja, a sugestão de situações de linguagem irreais (“imagine”), não pertencentes ao contexto escolar e do aluno, as quais, provavelmente, nunca virão a concretizar-se gerando, na percepção do autor, desmotivação e ausência de compreensão acerca dos reais objetivos de produção/utilização do gênero.

Por outro ângulo, observa-se a sugestão da escrita, ação que evidencia o uso do oral como mero acessório para o seu aperfeiçoamento, desvalidando-o como objeto de conhecimento ensinável e necessário ao desenvolvimento pessoal e à atuação social.

Por fim, sugere-se ao professor que destaque as questões, produzidas pelos alunos, consideradas pertinentes ao conteúdo da palestra. Entretanto, quais critérios pautarão essa escolha? Que tratamento será dado às questões consideradas inadequadas?

Partindo do pressuposto de que cada docente possui uma concepção de ensino e pelo material tratar-se de um exemplar destinado ao uso do professor, seria pertinente, em nosso entendimento, a finalização dessas orientações com sugestões de procedimentos ao docente que valorizasse o contexto de produção dos textos, das propostas, enfim a dialogicidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo pretendeu discutir de que forma o livro didático propõe o trabalho com os gêneros orais e se as propostas apresentadas nele possibilitam a apropriação desses gêneros pelo aluno. Partindo-se da hipótese que, embora desde a década de 90, as diretrizes educacionais oficiais proponham o ensino do oral, na perspectiva dos gêneros textuais, como um dos eixos obrigatórios ao ensino de língua materna, sua orientação ainda permanece secundarizada nos materiais didáticos e no planejamento do professor, cujo principal suporte referencial de ensino é, primordialmente, o livro didático.

Nesse contexto, os resultados de nossa análise evidenciaram a desproporcionalidade entre a sugestão do ensino da escrita e do oral. Em termos quantitativos, entre os 32 capítulos

que compõem a coleção didática destinada aos anos finais do ensino fundamental apenas 4 abordam, parcialmente, os gêneros orais, com o agravante de que eles estão ausentes em dois momentos considerados cruciais para a aprendizagem; o 6.º ano, elo entre o último estágio dos anos iniciais e o início dos finais; o 9.º ano, encerramento do ciclo fundamental e passagem para o Novo Ensino Médio.

Em relação à proposição dos gêneros e às possibilidades de sua apropriação pelos estudantes, verificou-se que as atividades propostas se limitam, em grande parte, à interpretação textual e à menção de características relacionadas ao contexto de produção e ao seu conteúdo temático sem ofertar propostas que possibilitem o reconhecimento íntegro de sua estrutura e estilo composicional. Ademais, são sugeridos distintos gêneros da esfera oral (conversa informal e entrevista, por exemplo) como correlacionados à palestra, propondo-se sua produção e análise, na ausência de uma apresentação prévia que possibilite consistência na execução dessa tarefa.

Sendo assim, a correlação de múltiplos gêneros considerados similares apenas por seu pertencimento à esfera do oral podem comprometer a aprendizagem integral do gênero textual, supostamente priorizado no capítulo, em todas as suas dimensões enunciativo-discursivas (conteúdo temático, estilo e construção composicional).

Esse panorama desvela a insuficiência do espaço cedido à aprendizagem do oral e de sua mitigação em relação à cultura escrita que, tradicionalmente, no ensino de Língua Portuguesa, o sobrepõe e continua a secundarizá-lo no contexto escolar.

Sob outro ângulo, enfatiza-se a necessidade da instrução inicial e da formação continuada docente, uma vez que, segundo os resultados de distintas pesquisas (CARNIN E MORAES, 2021; NONATO, 2018; CRESCITELLI, 2011; BUENO, 2009), grande parcela dos professores atrela o domínio dos gêneros orais às experiências cotidianas pré-escolares; outra parcela considera as táticas de oralização (leitura em voz alta, declamação, socialização de respostas), simultaneamente, como estratégia eficiente de ensino e resultado de significativas aprendizagens e a outra parcela, por fim, relata dificuldades na identificação das características composicionais dos gêneros, bem como na seleção do que e de como deve ser ensinado.

Em síntese, esse estudo contribuiu para endossar as evidências de que nos materiais didáticos e, porque não dizer nas salas de aula, o ensino do oral ainda permanece acantonado e pormenorizado comprometendo, desse modo, a formação e o desenvolvimento comunicacional, subjetivo e social do aluno.

Nesse sentido, um dos caminhos que se define para a amenização dessa problemática são os investimentos e o aperfeiçoamento na formação inicial e continuada dos professores para que além de uma apropriação adequada dos gêneros textuais orais e de seus respectivos modelos didáticos<sup>2</sup>, os docentes sintam-se aptos e munidos das condições necessárias para a seleção e a complementação de materiais/recursos/estratégias, uma vez que os livros didáticos disponibilizados pelos Programas Governamentais têm se demonstrado insuficientes, para de forma exclusiva, disponibilizar os aportes necessários à aprendizagem efetiva da linguagem.

---

<sup>2</sup> Modelos didáticos de gêneros dizem respeito à construção de um modelo do que se pretende ensinar ao aluno. De acordo com Schneuwly e Dolz (2010), esses modelos se baseiam em três princípios: legitimidade (caracterização do gênero); pertinência (viabilidade do que se pretende ensinar) e solidarização (preparação de atividades que promovam a aprendizagem do aluno).

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. Organização e tradução de Paulo Bezerra. Editora 34. São Paulo, 2016.

BUENO Luzia. Gêneros orais na escola: necessidades e dificuldades de um trabalho efetivo. Artigo. Instrumento: R. Est. Pesq. Educ. Juiz de Fora, v. 11, n. 1, jan./jun. 2009. Disponível em: <https://docplayer.com.br/59475610-html>. Acesso em: 19 Fev. 2022.

BRAIT, Beth. Bakhtin, outros conceitos chave. São Paulo. Editora Contexto, 2006.

CARNIN Anderson; MORAES Laura Remus. Oralidade na e para a (trans)formação docente: uma experiência com o gênero entrevista. In: Oralidade e gêneros orais experiências na formação docente. Organizadoras Tânia Magalhaes, Luzia Bueno e Debora Costa-Maciel. Editora Pontes.2021

CEREJA, William; Vianna, Carolina Dias. Português Linguagens.2018. Saraiva. São Paulo.

\_\_\_\_\_ ; Colchar, Thereza. Português Linguagens. 2002. Editora Atual. São Paulo

CRESCITELLI, M. C. Reis, A. S. O ingresso do texto oral em sala de aula (pp. 29-39). In: ELIAS, V.M. (org.) Ensino de língua portuguesa: oralidade, escrita e leitura. São Paulo: Contexto, 2011.

CORTELLA, Mario Sergio. Filosofia: e nós com isso? Editora Vozes. São Paulo.2019

DIEL, Regina Tamires; GONÇALVES Ana Cecília. O ensino de gêneros orais nas aulas de Língua Portuguesa. Artigo. Revista do Programa de Pós Graduação em Letras, nº54,2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/26002>. Acesso em: 20 de jun.2021.

FREITAS, Luiz Carlos. BNCC: uma base para o gerencialismo-populista. Disponível em: <https://avaliacaoeducacional.com/tag/bncc/>. Acesso em: 16 mar.2021

FOUCAULT, Michel. A arqueologia do saber. Editora Forense Universitária. 8.ª edição. 2012.

GERALDI, João Wanderley. O ensino de língua portuguesa e a Base Nacional Comum Curricular. Artigo. Revista Retratos da Escola, Brasília, v. 9, n. 17, p. 381-396, jul./dez. 2015. Disponível em: <http://www.esforce.org.br>. Acesso em 12 julh.2019.

GIROTTO, Eduardo Donizeti. Entre o abstracionismo pedagógico e os territórios de luta: a base nacional comum curricular e a defesa da escola pública. Horizontes, v. 36, n. 1, p. 16-30, jan./abr. 2018.

GOMES-SANTOS, S.N. Modos de apropriação; do gênero debate regrado na escola: uma abordagem aplicada. DELTA, São Paulo, v. 25, p. 39-66, 2009.

NONATO, Sandoval. Processos de legitimação da linguagem oral no ensino de Língua Portuguesa: panorama histórico e desafios atuais. Cadernos Cedes. v. 38, n. 105, p. 222-239, Campinas, maio-ago.2018.

ORMUNDO Wilton; SINISCALCHI, Cristiane. Se Liga na Língua Leitura, Produção de Texto e Linguagem.7.º ano. Moderna. São Paulo,2018.

PASSOS Daniela. Convergência Língua Portuguesa. 2014. Editora SM. São Paulo

SCHNEUWLY, Bernard; Dolz, Joaquim. Gêneros Orais e Escritos na Escola. Mercado de Letras. 2ª Edição. 2010. Campinas, SP.

VENCO, Selma Borghi; CARNEIRO Reginaldo Fernando. “Para quem vai trabalhar na feira... essa educação está boa demais”: a política educacional na sustentação da divisão de classes. Horizontes, v. 36, n. 1, p. 7-15, jan./abr. 2018.